

Eça de Queirós: 160 anos de nascimento

*A. Gomes da Costa **

Em 25 de novembro de 1845 nasceu José Maria Eça de Queirós na cidade da Póvoa de Varzim. Completam-se agora, portanto, 160 anos de nascimento do escritor português que mais do que qualquer outro teve no Brasil não apenas devotos e cultores de sua obra, mas também dezenas de estudiosos de sua arte e de sua estética, de seus tipos e personagens, de suas influências e de seu humor, de sua extraordinária produção literária e de suas concepções de vida, de seu estilo e de sua ficção, de suas idéias políticas e de seu inconformismo perante as mazelas de uma sociedade atrasada e bafienta que o incomodava e entristecia.

Na verdade, nem Camões, cantor da Epopéia quinhentista e modelador da Língua, cujas estrofes e sonetos foram durante gerações matéria dos livros escolares; nem Fernando Pessoa, o poeta dos heterônimos, cuja genialidade desde cedo foi revelada no Brasil, tiveram, como Eça teve, tantos brasileiros ilustres a estudar e a dissecar suas obras, a enriquecer pormenores de sua biografia e a analisá-lo como romancista e “agitador”, como diplomata e jornalista, como amigo de brasileiros de sua época e como analista da República de Floriano, ou, então, “à mesa” com iguarias supimpas e na prosa das “farpas” com o sarcasmo cortante.

Na vida e nos escritos de Eça de Queirós, como registrou tão bem Heitor Lyra, há uma constante presença do Brasil e dos brasileiros. Destes, na dupla acepção da palavra: ora é o brasileiro de berço, aquele que nasce no país, ora é o outro, o português “torna-viagem” que, endinheirado e com ares burgueses, retorna à terra, e exhibe, descendo

* Presidente do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

a “baixa” lisboeta ou os caminhos da aldeia, na província, com os anéis de ouro nos dedos, a cor morena dos trópicos e os tornozelos crescidos.

Essa relação entre Eça e o Brasil durante toda a sua vida foi sempre marcada por uma certa instabilidade, por incompreensões recíprocas e por alguma dose de maldade do destino. Foi uma relação que nunca ficou bem resolvida. A começar pelo insucesso no concurso feito pelo escritor para ser cônsul, quando acabou por ir para Havana em vez de vir para a Bahia, até às brigas e motins causados na Goiânia pernambucana por causa da ironia das “Farpas” e da resposta dos “Farpões” e que não terminaram nem em bengaladas, nem em duelo; desde a aia da infância em Verdemilho, que era brasileira, à amizade profunda que teve com os Prados, o Domício da Gama, o Olavo Bilac, o Visconde de Rio Branco, o Joaquim Nabuco, freqüentadores de sua casa na Rua Crevaux e depois em Neuilly; desde a colaboração por 17 anos, com algumas intermitências, na “Gazeta de Notícias” do Rio de Janeiro, até à direção da “Revista Portugal”, onde o Eduardo Prado atacava o regime republicano; desde a sátira da viagem do Imperador à Europa até às críticas do velho Machado ao “Primo Basílio” com a sua estética naturalista; desde os modos e os tiques de personagens de alguns de seus romances à implicância com o jornal “Brasil”, editado em Lisboa para contrariá-lo e ao Ramalho Ortigão – não há como tirar o Brasil e os brasileiros da existência e da obra queirosianas.

Mas se durante a vida do autor de “A cidade e as serras” houve episódios desagradáveis ou amuos perturbadores no relacionamento com o Brasil, também não faltaram, em contrapartida, outros que superaram as desfeitas e os desentendimentos, o estrago da maledicência e do estilete da crítica, e disso a melhor prova é a sua estima e o seu imenso respeito pelos amigos brasileiros com os quais conviveu por anos a fio.

No entanto, não há dúvida que é depois da morte de Eça, que se espalha pelo Brasil uma onda de admiração pelo escritor. E não é apenas nos meios intelectuais, nas academias e nas tertúlias literárias. É também junto ao brasileiro comum que lê os seus romances com gosto e devoção. Fazem-se deles edições piratas. Poucos anos depois – e enquanto em Portugal se levantam restrições a alguns de seus livros, principalmente por recomendação da Igreja, e a sua estátua no Largo

do Barão de Quintela – “sob a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia” – tem os braços mutilados por ataques de vândalos; ou, então, enquanto a “colônia” portuguesa dava preferência às novelas de Camilo, que tratavam dos amores de perdição e dos serões da província, os brasileiros, seduzidos pelas tramas e pela prosa, elegem o Eça como o romancista querido e admirado. São publicados dezenas de estudos sobre ele e sobre a sua ficção; traça-se a apologia da geração de 70; analisam-se os tipos de sua criação; levam-se para o teatro enredos de seus romances; lê-se com encantamento a sua correspondência e as suas obras póstumas; criam-se o “Clube do Eça” no Rio de Janeiro e as “Padarias Espirituais” em São Luiz do Maranhão; os círculos queirosianos e as sociedades ecistas aparecem por toda a parte; escrevem-se biografias; evoca-se Tormes; erguem-se estátuas, cinzelam-se bustos, mitifica-se o seu monóculo e o sorriso sarcástico sob o bigode imortalizado no “Albúm das Glórias” de Rafael Bordalo Pinheiro. Mais tarde, a teledramaturgia da “Globo” leva a milhões de brasileiros as cenas de “O Primo Basílio” e de “Os Maias”, debruadas na beleza e no talento de Giulia Gam, a fazer o papel de Luisa, e de Ana Paula Arósio, a interpretar a Maria Eduarda...

No Brasil e na conquista de espaços literários, ninguém de fora chega aos pés de Eça. Continua a ser o nosso São José Maria de todas as devoções.

15/11/2005

Resumo

Ao recordar os 160 anos de nascimento de Eça de Queirós (1845), destaca-se a constante presença do Brasil em sua obra e a quantidade de admiradores que o escritor português, como talvez nenhum outro, conquistou no Brasil.

Palavras-chave: Eça de Queirós, o Brasil na obra de Eça de Queirós, recepção de Eça de Queirós no Brasil

Abstract

To recall Eça de Queirós's a hundred and sixty birth (1845), it is outstanding the constant presence of Brazil in his work and the quantity of admirers the portuguese writer, like no one else, achieved in Brazil.

Key-words: Eça de Queirós, Brazil in Eça de Queirós's work, Eça de Queirós's reception in Brazil